

Rome", de Cy Coleman e Dorothy Fields, do musical "Little Me", dos anos 60.

Seria injusto não mencionar o espetacular blues "Four Walls", com precisa intervenção de Beverly Peer no contrabaixo, acoplado a "New Orleans Hop Scop Blues", muito menos o coquetel Cole Porter, tendo "I've Got My Eyes On You", "At Long Last Love" e "Just

says na noite de estreia. Ele volta de uma viagem aérea de 24 horas e passou todo o dia de terça-feira em entrevistas e ensaiando (desta vez, aumentou muito a participação da competente banda da casa). Esta é a razão da rouquidão evidente, que, ao que tudo indica, não se repetirá nos próximos shows. Por sugestão do eminente "shortiôfilo" Ruy Castro, Bobby deve trocar, daqui para a frente, sua homenagem ao Brasil,

Bojangles Robinson, o Fred Astaire negro.

Finalmente, uma exclusividade, o álbum triplo "The Bobby Short Collection", da WEA, que só está sendo vendido no 150: é uma antologia retirada dos álbuns duplos "BS Live at Carlyle" (73), "BS is K-R-A-Z-Y for Gershwin" (73), "BS Loves Cole Porter" (71) e "BS Celebrates Rodgers and Hart" (74).

## Artes plásticas/crítica

# Inesgotável fonte de referência

**ANTONIO GONÇALVES FILHO**

**WILLYS DE CASTRO** - expõe objetos em ferro tratado, aço inoxidável e alumínio anodizado. No Gabinete de Arte de Raquel Babenco (av. 9 de Julho, 5719). Até 7 de outubro.

A informação ressurgue no contato. Essa frase lapidar, do escultor Willys de Castro, pode ser o epitáfio do neo-concretismo e significar, em novo contexto a emergência do high-tech passional. É certo que muitos ainda acreditam no poltergeist desse movimento que encerrou suas atividades no início da década de 60, mas Willys, o visionário autor dos pluriobjetos em exposição no Gabinete de Arte de Raquel Babenco, provou que o longo hiato entre sua última mostra e este seu mais recente manifesto estético não reserva espaço para a ressurreição.

Há sim, lugar para a insurgente alquimia de uma mostra que é, desde já, uma das mais importantes do ano. Willys de Castro acaba de criar uma inesgotável fonte de referência para a nova geração de escultores e, ciente disso, anuncia ser esta sua última exposição. Alguém precisa convencê-lo do contrário. Walter Benjamim talvez conseguisse tal proeza, tecendo elogios ao hic e nunc da transcendente obra de Willys. Mas, como ressuscitá-lo?

Na falta de Benjamim, evoque-se que a unidade presente na exposição de pluriobjetos revela muito das relações de Willys com a nova tecnologia, de sua



"Pluriobjeto", em visão lateral

forma — ou fórmula — pessoal de equilibrar a disciplina e a explosão criativa sem sucumbir ao lobby direcional do high-tech. Daí o adjetivo "passional". As oito peças selecionadas

para a exposição, em ferro tratado, aço inoxidável e alumínio, de gigantescas proporções, corresponderão, no futuro, à importância das constelações estruturais de Joseph Albers para a ainda rudimentar exploração cibernética contemporânea. Isso é o que classificam de capacidade premonitória.

Paradoxalmente, simultânea à especulação reflexiva sobre os processos de criação desses objetos desenvolve-se um mecanismo de atenuação sensível ao impacto tecnológico — nunca esquecendo que Willys é químico —, o que só vem reiterar a coerência desse artista. A trajetória, enfim, é irreversível: uma vez concebida a obra — de uma maneira não acidental, nem excepcional, como queria Herbert Read — parte-se para a purificação de seu objetivo, qual seja o de apresentá-la como "ponte" de contato direto com o espectador. A perfeição das linhas e das formas não é um delírio (como em Victor Pasmore, uma das possíveis referências de Willys), mas simples meio de aperfeiçoar a informação.

Tal artifício estético subjacente revela-se nos pluriobjetos verticais do escultor, em particular numa obra que combina ferro cromado polido com alumínio anodizado, semelhante a uma esquadria de visível inspiração construtivista. A cada tentativa de decodificação surge uma nova informação ausente no repertório até de iniciados. Não é assim que os alquimistas forjam um novo mundo?